SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO JOSÉ RODRIGUES COURA EM SUA SESSÃO DA SAUDE NA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, EM 8 DE JUNHO DE 2021

por

Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

Membro Titular, Academia Nacional de Medicina
malaria@fiocruz.br

Obrigado Senhor Presidente Acadêmico Rubens Belfort Mattos Filho, por me designar como um dos Acadêmicos honrados com a incumbência de saudar o estimado Acadêmico José Rodrigues Coura, que nos deixa para entrar na Imortalidade.

Coura, você foi meu colega no Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fiocruz por 37 anos onde se tornou um muito dileto amigo. Por 11 anos eu seria seu confrade nesta casa onde fui saudado por você.

Penso que você pode ser definido por sua coragem, lealdade, dedicação ao trabalho e aos amigos, determinação, honestidade, coerência e grande interesse pela leitura. Em uma Reunião do Centro de Estudos do IOC em agosto de 2020, dois de seus discípulos estrangeiros renderam-lhe homenagens como homem e cientista. Pedro Albajar Viñas, ex-aluno de doutorado e hoje oficial da Organização Mundial da

Saúde, brasileiro filho de espanhóis, falou do talento, tenacidade e sabedoria do mestre. Marcelo Aguillar Velasco ex-doutorando e ex-Vice-Ministro da Saúde no Equador, define “o Professor” como um guia, um líder, um mentor, provocador, descobridor de talentos, administrador de virtudes e habilidades... um feiticeiro com toques de boêmio e artista, um navegador na calmaria e na piracema, um plantador de sementes da ciência”.

O Acadêmico José Carlos do Valle já disse que você nasceu em Taperoá, na Paraíba, filho de Lupércio Rodrigues Coura e de Ercília Coura, em 15 de junho de 1927. Você era alguns meses mais velho do que o meu pai, e um só dia mais velho do que Ariano Suassuna, seu conterrâneo também famoso. Você dizia ter herdado do pai o gosto pela vida e da mãe a coragem... por isso, provavelmente, pulou, quando ainda muito jovem, na carroceria do

caminhão onde uma placa informava: “Direto para o Rio de Janeiro”, e veio enfrentar a cidade grande. Você teve três filhos; Lúcia, Luciana e Evandro, e três netos Beatriz, filha de Luciana, e Leonardo e Guilherme, filhos de Evandro.

Você não gostava de cemitérios. Assim, lembro que registrei emocionado e grato a homenagem que sei que me prestou e a declaração de fraterna amizade que me fez quando compareceu ao enterro do meu pai em 2013. Lembro de tê-lo visto só no sepultamento de Wladimir Lobato Paraense, já que não fui no de Leônidas de Mello Deane, onde você deve também ter estado, posto que de Deane era amigo e admirador. Falo de Deane também para falar de você pois fomos, ele, você e eu, a Ariquemes, em Rondonia, para conhecer as condições de trabalho e instalar no hospital da Fundação Sesp o laboratório antena do nosso que permitiu a realização de dois trabalhos de mestrado e várias publicações.

Devo ter conhecido você antes de 1983, posto que fui aluno de, hoje minha confrade, Lea Coura, a primeira mulher eleita para a ANM. Tenho a clara lembrança do dia em que lhe encontrei na sala da direção, que eu ocuparia menos de 10 anos depois, no castelo mourisco da Fiocruz. Lembro que você, sempre de avental branco por cima da camisa de colarinho e gravata,

nos atendia atrás de uma mesa livre de papéis o que se devia, é claro, à simplicidade dos procedimentos administrativos há 40 anos, mas também e sobretudo, à sua eficiência.

Você dirigia, desde 1978 ou 1979, um IOC muito pouco povoado. Éramos poucos os Doutores na época e você iniciara um esforço - hercúleo e bem sucedido - de atrair para o Instituto colegas que voltavam de programas de doutoramento no exterior.

Durante a sua estadia no IOC, você criou duas pós-graduações; a de Biologia Parasitária e a de Medicina Tropical. Os cursos eram um desdobramento do Curso de Parasitologia Médica, criado em 1975 na ENSP pelo Honorário desta Casa Luiz Fernando Ferreira e por Herman Schatzmayr, então futuro Presidente da Fiocruz, e transferido em 1976 para o IOC com o nome de Biologia Parasitária. Em 1980, você criaria o Curso Básico, com 10 disciplinas de um mês, inspirado no famoso Curso de Aplicação do IOC instituído no início do século XX pelo próprio Oswaldo Cruz.

Lembro que você mantinha ativas e muito frequentadas as reuniões do Centro de Estudos que você mesmo coordenava, e estimulava a participação dos pesquisadores e alunos destinando os primeiros minutos para contar as novidades da semana no IOC recém reconstruído e repovoado após

o triste evento que ficou conhecido como o “Massacre de Manguinhos”. Coube a Lobato Paraense e depois a você a tarefa de deflagrar o renascimento científico de Manguinhos, no curso da década seguinte a esse acontecimento triste e sombrio da história da Ciência e Tecnologia brasileiras e da hoje celebrada criação da Fundação Oswaldo Cruz.

Você amava ensinar e, de todos os títulos, aquele de que mais gostava era o de Professor, como, aliás, gostava de ser chamado. Da primeira turma participaram colegas cientistas de grande expressão no cenário das ciências médicas e biológicas nacionais. Coordenador do curso de Medicina Tropical, pelo qual se responsabilizou por vários anos, você cuidava pessoalmente da introdução dos alunos ao trabalho de campo. Você foi pessoalmente levá-los, junto com alguns de seus colaboradores - que posteriormente absorveriam o curso – assim como jovens colegas estrangeiros que aumentaram a divulgação de seu nome no mundo e levaram os conhecimentos adquiridos no IOC para além das fronteiras do País. Você foi Diretor do IOC até 1985.

Em 2000, você criaria no município de Barcelos, antiga capital do estado do Amazonas, uma estação antena do Laboratório de Doenças Parasitárias que dirigia no IOC. Lá se investigava, com colegas

do INPA, a presença de barbeiros, dando origem a vários projetos sobre transmissão da doença de Chagas e da malária. Você costumava contar que, em uma das viagens a Igarapé do Limão, ainda mais distante do que Barcelos, o fotógrafo Renato Soares, no local para documentar a missão de campo, contraiu malária. Como estavam em uma localidade sem recursos terapêuticos e sua febre não cedia, Soares teria sido arrastado, por alunos seus, para o rio Aracá, onde ficou mergulhado até que sua temperatura caísse.

Fui seu Diretor nos anos 90 antes de você ser de novo nosso Diretor. Em 2005 você publicaria o famoso “Dinâmica das Doenças infecciosas e Parasitárias”, Prêmio Jabuti e, sem nenhuma dúvida, o mais importante Tratado de Medicina tropical brasileiro, cuja segunda edição, em 2013, tem 174 capítulos em 2045 páginas e dois volumes.

Em 2005, então Secretário Geral da Federação Internacional de Medicina Tropical tive a oportunidade de apresentar a pré-candidatura do Brasil para hospedar o XVIII Congresso Internacional de Medicina Tropical e Malária (ICTMM) no Rio de Janeiro no XVI Congresso em Marseille. Você e eu fomos juntos a Jeju, Coreia, confirmar a candidatura e, em 2012, tivemos a ocasião e a honra de organizar juntos o XVIII Congresso com cerca de 2500 participantes,

inaugurado - no Hotel Intercontinental no Rio de Janeiro - na presença do Ministro da Saúde, Alexandre Padilha, e do Acadêmico Marcos Moraes, então Presidente desta Casa. Presidi o Comitê Científico do Congresso e fizemos acontecer um Evento que entrou para a história da Medicina Tropical brasileira, 49 anos e 11 Congressos após ter acontecido, nesta cidade no Hotel Glória, também com a sua participação (quando eu tinha 11 anos de idade).

Você era um homem prático e, aos que se perdiam em devaneios e considerações teóricas, você aconselhava: **“está certo, mas não esqueçam de matar os mosquitos, receitar remédios e dar comida às pessoas”**. Você se definia como um sobrevivente bem sucedido que aprendeu inglês, datilografia e medicina tropical, e julgava que chegar na Fiocruz havia sido o coroamento de sua carreira.

Você foi Editor das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz por 10 anos e da Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical por 12. Você tinha prazer e orgulho em publicar nessas revistas e ajudou a alavancá-las destinando muitos de seus bons trabalhos a elas em detrimento de outras no estrangeiro. Cabe dizer que você não agia assim por falta de acesso a revistas de prestígio, incluindo a *Nature* e a *Science*, onde também publicou - inclusive a convite - e outras de Medicina Tropical e Parasitologia

no mundo todo.

Você - que tinha boa memória - sabe que a maior homenagem que podemos prestar aos mortos é não os esquecer. Assim concluo citando Jean Cocteau “O verdadeiro mausoléu dos mortos é o coração dos vivos”

Agradeço aos colegas Ângela Junqueira, Eduardo Costa, Hugo Marcelo Avillar, Martha Mutis, Octávio Fernandes e Pedro Albajar pelas conversas que tivemos ou material que forneceram em apoio a essa apresentação.